

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

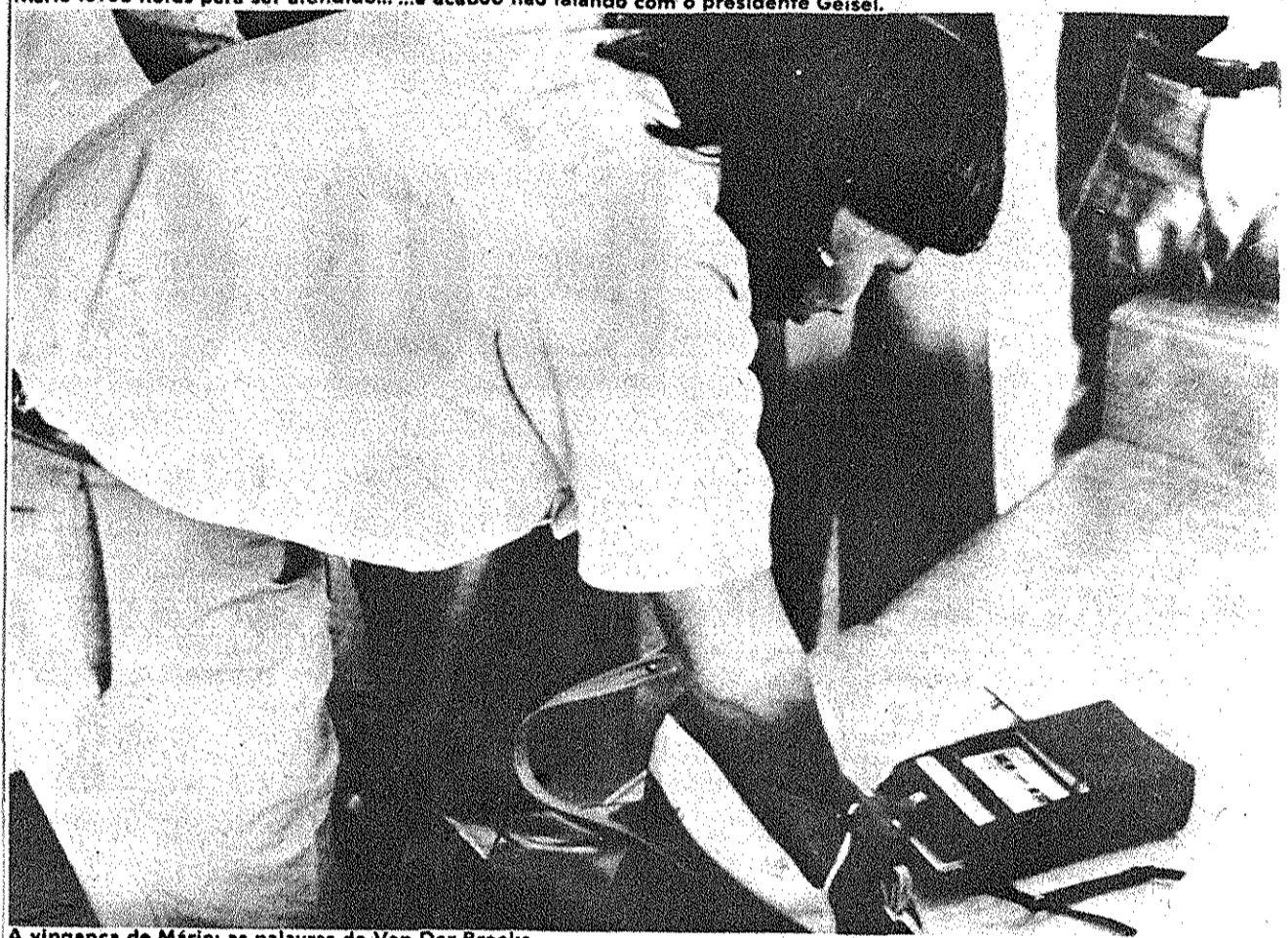
Fonte: O Estado de São Paulo - JT Class.: 313

Data: 27.01.77

Pg.: _____



Mário levou horas para ser atendido... e acabou não falando com o presidente Geisel.



A vingança de Mário: as palavras de Van Der Brooke

A pequena vingança do índio que não conseguiu falar com o presidente

O índio queria fazer uma pergunta ao presidente. Passou várias horas calmamente sentado numa poltrona do palácio e, no fim da tarde, cansado de esperar, preparou sua pequena vingança: gravou as explicações do funcionário do serviço de relações públicas que veio ouvir suas queixas e, depois, passou a fita para os jornalistas. Com uma surpresa: a gravação tinha, também, o registro da conversa que ele, o índio Mário Juruna, chefe da aldeia xavante de Nomucura, em Barra do Garça, no Mato Grosso, tivera dois dias antes com o diretor do Departamento Geral de Operações da Funai, Franceliso Van der Brooke. Uma conversa longa, um jogo de acusações e desmentidos, que começou a ser gravada quando o funcionário da Funai dizia estas palavras:

— A Funai está procurando dar condições a vocês de serem auto-suficientes, para vocês terem dinheiro, viverem melhor suas vidas. E você está falando contra o ministro?

— O índio: Que que tem o ministro?

O funcionário da Funai: Está arrumando dinheiro para fazer um projeto dos xavantes, para vocês viverem melhor. E você fica falando bobagem.

O índio: Estou falando bobagem?

O funcionário: Você falou bobagem. Você disse que o ministro não entende nada de índio.

O índio: Mas ele não entende mesmo.

NO PALÁCIO, COM O GRAVADOR

Essa história pode começar a ser contada a partir do momento em que Mário Juruna, gravador portátil na mão e um osso fino atravessando em cada orelha, chegou ao Palácio do Planalto. Queria falar com o presidente, anunciou. Queria perguntar a ele o que está sendo feito com o dinheiro da Funai, pois "os índios não recebem nenhum benefício." O xavante Mário Juruna chegou ao Palácio do Planalto na manhã de ontem e passou várias horas sentado numa poltrona do saguão térreo, esperando. Inutilmente: o presidente, disseram-lhe, estava ocupado. As 16h, um funcionário da Assessoria de Relações Públicas da Presidência da República desceu e ouviu as queixas do índio, dizendo-lhe que levaria o problema aos seus superiores. O índio gravou a conversa — uma rápida conversa — e quando os jornalistas foram ouvir a fita, tiveram a surpresa de escutar, na seqüência, o demorado diálogo com o diretor do Departamento Geral de Operações da Funai, Franceliso Van der Brooke.

A partir do momento em que o índio diz que o ministro não entende de índio, o diálogo prossegue com o funcionário da Funai afirmando:

— Ele (o ministro) entende. Ele quer dar condição de vida a vocês, para vocês amanhã trabalharem, terem seu carro. Poder comprar teu carro, as tuas coisas e você não entendeu isso.

I — Como não entendeu? É a mesma coisa que gente matar índio. Mata e daqui a vinte anos vão tomar conta de índio.

— Olha rapaz, o ministro é um homem bom, ele quer ajudar você (...).

I — Eu não sei nada, não.

— Estou perguntando: você acha que eu não quero ajudar os índios?

I — Depende do senhor. Se o senhor quer ajudar índio, não tem problema. Se o senhor não quer ajudar índio, então vamos criar problema (...).

— Mas eu não estou ajudando?

I — Como o senhor está ajudando?

— Arrumando as coisas para mandar lá para vocês,

fazendo projetos para melhorar a vida de você, arrumando dinheiro para você comprar trator, semente (...). Aquilo tudo que nós já falamos aqui.

I — Pois é, naquele dia nós já tínhamos combinado tudo, mas eu corro para cima falando com outra pessoa para poder conseguir algum trator e a gente esperando, pedindo, então só tem promessa e vem mais promessa. Então, fico bravo com isso. Porque a gente quer acreditar na palavra de homem, e o senhor é homem muito mais do que eu porque o senhor é diretor aqui. Mas em qualquer lugar, eu sou mais do que gente que manda na cidade. Eu sou mais responsável, eu sou autoridade dentro da comunidade, onde eu vou eu tenho direito, tenho capacidade para falar isso.

— Eu sei disso. O que eu sei é que você falou que o ministro não entendia de índio, quando ele entende (...).

I — Eu quero que Funai ajude índio, quero que Funai bote escola, levanta hospital de saúde, ensina para índio entender as coisas necessárias. A Fundação Nacional do Índio foi feita para isso, não é Fundação Nacional do Funcionário...

— Porque você está gravando isso aí? Vamos deixar de papo, vamos conversar direitinho. Porque eu estou aqui para conversar direito com vocês, para fazer as coisas que devem ser feitas. Você vem aqui conversar comigo, eu digo a verdade pra você, então não precisa esse negócio de gravar. É papo furado.

I — Não é papo furado. Eu tenho que gravar tudo o que você fala, o que ministro fala, o que o presidente fala.

— Você tem que pensar o seguinte: há um entendimento errado. Acha que o índio trabalha para a Funai. Não é para a Funai, não. Trabalha para ele mesmo, para ele comer. Agora, quem vai plantar é você, porque eu não vou trabalhar para você (...) Eu dou orientação. Agora, vocês e seus irmãos têm que trabalhar para vocês. Eu não tenho dinheiro para comprar bala para vocês.

I — Por que não tem dinheiro?

— Porque uma bala calibre 38 custa 8 cruzeiros...

I — Pois é, porque gente ensina arma para índio também? Depois, a gente acostuma.

— Eu já cansei de dizer para vocês (...) Eu não tenho dinheiro para comprar bala.

I — Por que?

— Porque não tenho. Então você vai ao presidente e pede para ele.

I — Eu já tive no Ministério do Exército e ele deu autorização para Funai comprar arma para índio.

— Bala é para destruir os outros.

I — Então, acaba com a fábrica. Se não pode ter bala para cidade, não pode ter bala para índio. Então, é melhor acabar. Eu quero saber se a Funai está com medo, se o índio está atirando em alguém?

— Arma na sua mão só vai criar problema. Vem um branco sem-vergonha, fica nervoso, se você estiver com arma, você mata ele.

I — E mata mesmo, não é justo? (...) E já prenderam o João Mineiro? (acusado da morte do padre Rudolf Lubenkein, no Mato Grosso). Não existe justiça. Só existe justiça para prender pobre.

— Não vem com esse papo não. Você tá mal orientado. Alguém está conversando com você, errado.

O diálogo continua com o índio falando em injustiças e das vezes que foi à Funai e não conseguiu ajuda. A última frase é de Franceliso:

— Eu não posso fazer mais do que levar a sua preocupação ao meu superior (...) Vou anotar, vou registrar.